

O TEMA GÊNERO NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA "SÃO PAULO FAZ ESCOLA"

Zirleide Cocato¹, Marcos Vinicius Francisco²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente-SP. E-mail: zirleidec@yahoo.com.br

²Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente-SP.

RESUMO

Embora a temática das relações de gênero tenha alcançado maior visibilidade, no que tange à produção científica, em especial, nos últimos anos, assiste-se certa resistência por parte de alguns grupos da sociedade, a fim de que a mesma possa ser contemplada na educação escolar. Dessa forma, assume-se como objetivo desta investigação: analisar como o assunto vem sendo abordado no currículo oficial do estado de São Paulo, frente ao componente curricular de Educação Física. Realizou análise documental dos Cadernos do Professor, do currículo oficial do estado de São Paulo dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, nos quais foi observado que a questão de gênero é explicitada, de forma tímida, em alguns conteúdos, prevalecendo sua intersecção com os conteúdos relacionados às Manifestações Rítmicas, Ginástica Rítmica, Ginástica de Academia e Lutas.

Palavras chave: Gênero; Corpo; Currículo, Educação Física escolar; São Paulo Faz Escola.

THE GENDER THEME IN THE CURRICULUM OF PHYSICAL EDUCATION "SÃO PAULO FAZ ESCOLA"

ABSTRACT

Although the theme of gender relations has become more visible, in terms of scientific production, especially in recent years, there has been some resistance on the part of some groups in society, so that it can be contemplated in education school. Thus, the objective of this research is to analyze how the subject has been approached in the official curriculum of the State of São Paulo, in front of the curricular component of Physical Education. We realized a documentary analysis of the Teacher's Schedules of the official curriculum of the state of São Paulo in the final years of Elementary and Secondary Education, in which it was observed that the gender theme is explained in a timid manner in some contents, prevailing its intersection with the contents related to Rhythmic Manifestations, Rhythmic Gymnastics, Gymnastics and Fights.

Keywords: Gender; Body; Curriculum, School Physical Education; São Paulo Faz Escola.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (BRASIL, 1996) a Educação Física deve ser assumida como componente curricular integrada à proposta da escola. No âmbito do discurso governamental, esse processo permitiu que o currículo fosse repensado com base em estudos de novas concepções que abrangessem as dimensões cultural, social, política e afetiva, superando os conceitos de corpo e movimento frente aos seus aspectos fisiológicos e técnicos (BRASIL, 1997). Na escola, a Educação Física assume sua importância ao possibilitar por meio dos seus diversos conteúdos ligados à cultura corporal¹ (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, e a luta), a possibilidade de problematizar questões contemporâneas como as questões de gênero, principalmente ao considerar que as turmas são compostas por meninos e meninas e, ao sinalizar a existência de diferenças sexuais que precisam ser rompidas frente à divisão polarizada entre feminino e masculino. (ALTMANN, 2015).

A mudança da legislação e a consolidação de estudos sobre gênero no Brasil se tornaram mais evidente nas aulas de Educação Física. Expressões como “futebol é coisa de menino” ou “eu não sou menina para dançar” precisam ser problematizadas constantemente, por exemplo. Uchoga e Altmann (2016, p. 164) expõem que além da diversificação de conteúdos, outros fatores como “confiança nas próprias habilidades e a capacidade de arriscar-se em novas aprendizagens corporais” interferem nas relações de gênero nas aulas de Educação Física.

Embora a temática das relações de gênero tenha alcançado maior visibilidade, no que tange à produção científica, em especial, nos últimos anos, assiste-se certa resistência por parte de alguns grupos da sociedade, a fim de que a mesma possa ser contemplada na educação escolar. Dessa forma, problematiza-se nesta investigação: como o assunto vem sendo abordado no currículo oficial do estado de São Paulo, frente ao componente curricular de Educação Física?

O estudo a ser realizado justifica-se, para que possamos ter evidências de como a questão de gênero é abordada nos volumes do Caderno do Professor no Currículo de Educação Física. Embora a temática seja sugerida por documentos de âmbito nacional como, por exemplo, os PCNs, dificilmente ele é tratado com prioridade no currículo formal da educação escolar. (SABATEL, *et al.* 2016).

Entende-se por gênero, a construção histórica, social e política sobre o sexo biológico e que passa a atribuir aos sujeitos uma identidade masculina ou feminina. Nesse sentido, como uma produção cultural, a identificação como masculino ou feminino são múltiplas e estão em constante transformação (LUZ JÚNIOR; KUNZ, 2000; TEIXEIRA; ASSUNÇÃO, 2000;).

Louro (2012) pondera que após um período brando das manifestações e ações por grupos feministas, a partir de 1968, sendo que diferentes grupos como os de mulheres, intelectuais, negros e estudantes fizeram com que os movimentos contra a segregação, a discriminação e dos arranjos políticos e sociais ressurgissem com maior vigor. A partir disso, os movimentos feministas se tornaram mais visíveis, já que utilizavam de outras formas para se manifestarem, por meio de livros, jornais e revistas. As universidades foram locais onde grande parte dessas manifestações aconteciam. Vale apontar que muitos militantes trouxeram para o mundo acadêmico suas contestações e debates sobre as mulheres.

A autora, ainda, relata que um dos objetivos do movimento feminista era o rompimento da invisibilidade feminina, já que os arranjos políticos e sociais havia escondidos por anos. Mesmo muitas mulheres trabalhando além dos próprios lares, a invisibilidade delas era intensa, pois elas ocupavam funções sem notoriedade e eram controladas por homens que ocupavam cargos superiores, acrescido dos argumentos que justificavam as diferenças biológicas entre homens e mulheres. (LOURO 2012).

¹ O conceito de cultura corporal assenta-se na perspectiva da abordagem crítico-superadora em Educação Física.

Louro contrapõe a justificativa que as desigualdades sociais entre homens e mulheres remetem às características biológicas:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. (LOURO, 2012, p. 25).

Para Scott (1995, p.86), o conceito de gênero pode ser dimensionado de duas formas: sendo uma delas, a referência a *gênero* a partir das organizações sociais da relação entre os sexos (diferença sexual), e a outra, como estratégia social para dar significado às relações de poder.

Cesar (2009) ainda aponta que, na escola contemporânea, o contexto do estudo da sexualidade tem pautado na exclusão e na produção da norma sexual. A exclusão e a violência, nessa perspectiva, sustentam-se em torno das práticas sexuais não normativas.

Mesmo com tentativas de organizar um programa educacional nas escolas brasileiras, após um século, o “sexo bem educado” ou “sexo normatizado” intitulado nas primeiras décadas do século XX, passou a ser a ideia de “sexo responsável”, “sexo saudável” e “sexo seguro”, produzindo uma educação sexual sobre uma concepção do “bem viver”. (CESAR, 2009, p.44).

Ao final da década de 1990 houve a produção do documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no qual há a instituição de Temas Transversais. Dentre os temas está o da Orientação Sexual e nele há um subitem denominado Relações de Gênero, cujos objetivos são:

[...] combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum pode-se lembrar da repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas (BRASIL, 2000, p. 144).

Cesar (2009, p. 46) pondera que as análises realizadas sobre os PCNs demonstram que estes “assumem uma abordagem preventiva e, neste contexto, prevenir as práticas sexuais de “risco” seriam a tônica normativa na construção de uma forma ideal de sexualidade”. Na abordagem da relação de gênero nos PCNs, enquanto a escola apenas discutir os papéis sexuais ou papéis de gênero e pautar na perspectiva do sistema normativo de sexo-gênero, as relações de gênero estarão presas a uma visão que buscará apenas “demonstrar que meninos podem ser também meigos e sensíveis sem que isso possa “ferir” sua masculinidade e que meninas podem ser agressivas e objetivas, além de gostarem de futebol, sem que essas características firam sua feminilidade.” (CESAR, 2009, p. 46).

Tal fato pode ser notado tanto no início da história da Educação Física brasileira, quanto na atualidade. Existem registros, em formas de leis e propostas, que revelam traços dessa visão sexista apoiados pela pedagogia tradicional e influenciados pela tendência biologicista que tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física e a compreensão do corpo apenas como uma estrutura anatomofisiológica (NOGUEIRA; RODRIGUES, 2008).

A história nos apresenta tais acontecimentos, em 1879, com o Decreto n. 7247 promoveu a Reforma do Ensino proposta pelo Deputado Carlos Leôncio de Carvalho e, em 1882, foram realizados os pareceres da referida proposta comandada por Rui Barbosa. Tais propostas recomendavam a distinção entre as atividades corporais segundo os gêneros. Para os meninos a

ginástica sueca e para as meninas a calistenia. Estes pareceres, à época, eram considerados um tratado da Educação Física (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1997).

O Decreto Federal nº. 69.450/71, título IV, capítulo I, art.5º e § III, definia, de modo específico, a formação de turmas separadas por “sexo” para as aulas de Educação Física, afirmando: “Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física”. (CASTELLANI FILHO *et al.*, 2009, p. 38).

Ao final da década de 1970 e na década de 1980 surgem os movimentos “renovadores” na Educação Física. Os mesmos iniciaram alguns questionamentos sobre a função e dimensão política desta disciplina. Propuseram uma nova maneira de se pensar este componente curricular. Sugestão que tem embasado as propostas curriculares (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1997; BRACHT, 1999; CASTELLANI FILHO *et al.*, 2009; ALTMANN, AYOUB, AMARAL, 2011).

No que se refere ao contexto legal atual, a Lei de Diretrizes e Bases 9.394 de 1996 não faz referência à composição de turmas separadas por gênero. Ao contrário, abre espaços para se pensar a co-educação enquanto estratégia formativa que garanta as mesmas oportunidades para meninos e meninas.

Mesmo com tentativas que criar escolas mistas, nos dias de hoje, é claro o privilégio masculino em relação ao feminino, e muitos desses preconceitos de gênero e estereótipos são reforçados nas aulas de Educação Física, frente à atuação dos próprios professores, na práxis pedagógica (CRUZ, PALMEIRA, 2009, p.116).

Auad (2003, p.138) afirma que há um equívoco ao dizer que escola mista signifique co-educação, pois a “escola mista é um meio e um pressuposto para que haja co-educação, mas não é suficiente para que esta ocorra”. A autora ainda afirma, “em uma escola mista, a co-educação pode se desenvolver, mas isso não acontecerá sem medidas explicitamente guiadas por parte das professoras e amparo de políticas públicas que objetivem o fim da desigualdade de gênero, no âmbito educacional” (AUAD, 2003, p.138).

Portanto o objetivo dessa investigação é identificar a contemplação das questões de gênero nas orientações e nas situações de aprendizagens presentes no currículo de Educação Física do estado de São Paulo nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

MÉTODO

A presente investigação é de natureza qualitativa, e utilizou da pesquisa de análise documental para problematizar os objetivos destacados anteriormente.

Para Minayo (2012, p.14), os objetos de estudo nas Ciências Sociais são essencialmente qualitativos, pois “abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas representações da subjetividade, nos símbolos e significados”. A autora, ainda, afirma que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2012, p. 21).

Conforme Santos Filho (2013, p. 38), a pesquisa qualitativa, tida como interpretativa, concebe a alguém como sujeito e ator, sendo que o significado deve ser considerado como produto de interação social. Diz ainda que “é impossível o investigador e o processo de pesquisa não influenciarem o que é investigado”, portanto o/a pesquisador/pesquisadora participa, compreende e interpreta as informações que ele/ela seleciona e obtém a partir da investigação. No entanto, o pesquisador/pesquisadora se baseia na observação e na interpretação, buscando significados atribuídos aos fatos.

Segundo Ludke e André (1986, p. 39), na análise documental “os documentos constituem também como uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador [...] A análise documental busca identificar informações

factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”. (CAULLEY, 1981 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38). A fonte de coleta de dados está restrita a documentos, que podem ser desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticos e arquivos escolares. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.38). São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte e informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS, 1974 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

Realizou-se num primeiro momento uma leitura do currículo São Paulo Faz Escola, com o objetivo de identificar os conteúdos dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio para a disciplina de Educação Física. A partir da identificação do tema gênero, nos conteúdos, analisou-se como ele é abordado nas situações de aprendizagem. Num segundo momento procedeu-se de forma mais detalhada, pela leitura das situações de aprendizagem de cada volume, do caderno do professor. Mesmo o tema gênero não sendo citado no Quadro de Conteúdos do currículo São Paulo Faz Escola para a área de Educação Física, foram encontradas algumas citações e orientações para o professor e, até mesmo, situações de aprendizagem sobre o referido, aspectos que serão detalhados nas análises dos dados.

O PROGRAMA

De acordo com a Secretaria da Educação do estado, o “São Paulo Faz Escola” tem como foco unificar o currículo escolar para todas as escolas estaduais. O programa é responsável pela implantação do Currículo Oficial do Estado de São Paulo, formatado em documentos como o Caderno do Professor e o Caderno do aluno, que constituem orientações para o trabalho do professor em sala de aula e visa garantir uma base comum de conhecimento e competências para todos os professores e alunos (SÃO PAULO, 2014).

O Caderno do Professor auxilia no preparo das aulas e no desenvolvimento das atividades com os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Atualmente, os cadernos são organizados por volume I e II para cada ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (SÃO PAULO, 2014).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nos cadernos do Professor, da área de Educação Física, dos anos finais do Ensino Fundamental encontra-se o estudo da questão de gênero de forma explícita nas orientações e situações de aprendizagem dos 7º e 8º anos, quando são abordadas as Representações Rítmicas. Nesses casos, o currículo destaca o papel do masculino e do feminino na dança em pares e ainda orienta e permite a experimentação na troca de papéis e, posteriormente, sugere reflexões sobre a questão do gênero nas “Manifestações Rítmicas/ Danças”. Outra problematização refere-se à manifestação da cultura corporal “Ginástica Rítmica” (GR), já que ela é uma modalidade esportiva olímpica somente para mulheres, pois o número de confederações masculinas não é suficiente, embora no imaginário popular se associe culturalmente a GR como atividade exclusiva de mulheres, sobretudo no contexto brasileiro.

Ao iniciar o debate sobre o conceito de gênero, Louro (2012, p.25) aponta que para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. Ainda, coloca que, no campo social se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos, emergindo daí a importância de se pensar gênero de um modo plural “acentuando que os projetos e as representações sobre homens e mulheres são diversos”, fazendo que gênero se constitua como parte do sujeito.

Vale apontar que a oportunidade dos estudantes vivenciarem manifestações da cultura corporal que, comumente, o senso comum tende a associá-las como femininas (caso da GR),

ampliam as possibilidades dos estudantes desconstruírem as justificativas estabelecidas a partir de experiências limitadas. A esse respeito disso, Altmann, Ayoub e Amaral afirmam que:

Se considerarmos que o gosto é construído nas relações sociais, não sendo possível gostar daquilo que não se conhece [...] a diversificação dos conteúdos nas aulas de Educação Física torna-se um aspecto muito importante a ser considerado para que os/as alunos/as possam ter a chance de ampliar seus interesses e seu repertório de conhecimentos, também no âmbito corporal [...] (2011, p.497).

Por sua vez, nos cadernos com conteúdos do Ensino Médio, as questões de gênero estão contempladas no 2º ano, frente aos temas “Ginásticas de Academia” e “Esporte Individual: Tênis”, nos quais são reforçadas as seguintes orientações:

O tema “Contemporaneidade” está inter-relacionado às ginásticas de academia e ao tênis e tratará de questões ligadas a diferença, preconceito e expectativas de desempenho em relação ao gênero e ao sexo, de modo a evidenciar para os alunos a necessidade de respeitar as diferenças nas experiências do Se-Movimentar no esporte e na ginástica, identificando e evitando formas de preconceito e discriminação. (SÃO PAULO, 2014, p. 7-8)

Tal propositura, embora apareça de forma tímida, pode conduzir os estudantes a possibilidades de entender que o corpo é o resultado de uma construção cultural. Pondera Goellner (2010, p. 73) que é preciso olhá-lo e entendê-lo como um “produto intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura e não apenas natural e biológico”. Esse inter-relacionamento revela o tempo no qual o corpo foi “educado e produzido, razão pela qual, ao mesmo tempo em que somos diferentes, somos também muito parecidos”. “O corpo está sujeito aos processos desenvolvimentais (os quais, então, passarão a ser discriminados), advindos do passar do tempo e das transmutações e peculiaridades da cultura, da história e da sociedade.” (SILVEIRA, 2008, p.739).

Para além desses aspectos, os estudantes precisam reconhecer que se almeja uma perspectiva que ultrapasse a junção de meninos e meninas nas mesmas atividades realizadas nas aulas de Educação Física. Corroboram as análises de Costa e Silva (2002, p.48), para quem, embora a co-educação considere a igualdade entre gêneros, a escola mista não possui o mesmo significado de escola co-educativa. Uma escola co-educativa requer igualdade de atenção e tratamento das meninas e meninos. Nas aulas de Educação Física, por exemplo, não devemos abordar a igualdade entre sexos, mas sim a equidade.

No que tange ao 3º ano do Ensino Médio, o assunto gênero é evidenciado frente ao tema “Contemporaneidade: diferenças de gênero e de sexo e expectativas de desempenho físico e esportivo como construções culturais – preconceito com relação à participação das mulheres nas lutas”. De acordo com as orientações do Caderno do Professor, no tema Contemporaneidade:

Serão discutidos os conceitos de diferença e preconceito, aspectos essenciais quando se pretende abordar as habilidades, as características físicas, a etnia, o gênero e as questões sexuais pertinentes aos alunos no que se refere à luta e à atividade rítmica. A atribuição de valor nas expectativas de desempenho e na participação dos próprios alunos no âmbito da Cultura de Movimento está associada à construção cultural das diferenças percebidas entre eles. Por isso, serão abordados estereótipos que devem ser evitados para minimizar concepções preconceituosas, bem como para prevenir práticas discriminatórias, em especial na luta e na atividade rítmica, como proposto neste volume. (SÃO PAULO, 2014, p. 6).

Desde os anos de 1990, quando as aulas mistas (junção de meninas e meninos nas aulas de Educação Física) ganharam ênfase no discurso acadêmico, deu-se a entender que a participação

na práxis pedagógica seria igualitária, de maneira que o processo de aprendizagem dos diversos conteúdos favorecesse meninas e meninos. Mas de acordo Uchoga e Altmann (2016, p.169) quando observado as aulas de Educação Física, orientadas pelo Currículo do estado de São Paulo, verifica-se uma participação mascarada das meninas no decorrer das aulas, nas diversas práticas corporais e que a desigualdade de participação ainda não está superada.

Às professoras e professores cabem os papéis de mediadoras(es) das aulas de Educação Física, numa perspectiva na qual as meninas e os meninos possam compreender as limitações de se assumir concepções estereotipadas sobre o feminino e sobre o masculino (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). Como exemplo, as autoras mencionam os discursos de que as meninas são menos hábeis quando comparada aos meninos ou que futebol é coisa de menino e dança é coisa de menina.

É sabido, conforme Cruz e Palmeira (2009, p.116), que no decorrer da história as mulheres têm exercido papéis secundários em relação aos homens, independente do setor social. Afirmam, ainda que, essa “superioridade masculina foi construída a partir das diferenças formas de educar homens e mulheres”, resultando na especificação de competências e habilidades para cada gênero e que as intuições escolas e famílias são as principais responsáveis pela construção e/ou reprodução de estereótipos em relação das questões de gênero, os quais precisam ser suplantados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise documental dos Cadernos do Professor do currículo oficial do estado de São Paulo, dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, para a disciplina de Educação Física, constatou-se que a temática gênero é explicitada, de forma tímida, em alguns conteúdos abordados em alguns anos(turmas) prevalecendo sua intersecção com os conteúdos relacionados às Manifestações Rítmicas, Ginástica Rítmica, Ginástica de Academia e Lutas.

Esse movimento representa as dificuldades de se romper com discursos solidamente construídos ao longo da história humana e que pautados no senso comum impedem que os estudantes por meio da práxis pedagógica em Educação Física adquiram sentido e significado, inclusive na superação de preconceitos e formas de ódio que conduzem a casos extremistas de violência e morte.

Atrelado a isso, defende-se que as mudanças não deverão ocorrer na forma dos indivíduos pensarem, mas em uma sociedade que também seja alvo de superação e transformação.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gêneros em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, ago. 2011.

AUAD, D.. Educação para a democracia e co-educação: Apontamentos a partir da categoria gênero. **Revista USP**, Brasil, n. 56, p. 136-143, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33814/36552>>. Acesso em: 01 out. 2017.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CASTELLANI FILHO, Lino et al.. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2 ed. rev. – São Paulo: Cortez, 2009.

CESAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “epistemologia”. **Educar**, Curitiba, n.35, p. 37-51, 2009.

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.1, p.116-131, jan./mar. 2009.

COSTA, Maria Regina Ferreira; SILVA, Rogério Goulart da. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, jan.2002. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/269>>. Acesso em: 09 out. 2017.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista – a Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

GOELLNER. Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ JUNIOR, Agripino Alves; KUNZ, Elenor. Gênero e Educação Física: Algumas reflexões acerca do que diz as pesquisas das décadas 80 e 90. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 15, p. 1-7, jan. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5592/5364>>. Acesso em: 10 out. 2017

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012.

NOGUEIRA, Maria do Socorro; RODRIGUES, Ana Maria da Silva. Meninos, meninas ou todo mundo junto? A questão do gênero nas aulas de educação física nas escolas da região sudeste da rede Pública municipal de Teresina. In: Encontro de Educação Física e Áreas Afins, 3, 2008. Núcleo de

Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEF) / Departamento de Educação Física / UFPI, **Anais...** Teresina, p.1-6, out. 2008.

SABATEL, Glenda Macedônia Gutierrez *et al.* Gênero e sexualidade na educação física escolar: Um balanço da produção de artigos científicos no período entre 2004-2014 nas bases do Lilacs e Scielo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.19, n. 1, p. 196-208, mar. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/aeticle/view/3415>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sanchez.. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de apoio ao currículo do estado de São Paulo - Caderno do Professor: educação física, ensino fundamental e ensino médio – volume I e II** - São Paulo, 2014.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de apoio ao currículo do estado de São Paulo - Caderno do Professor: educação física, ensino médio – 2ª série, volume I** - São Paulo, 2014a.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de apoio ao currículo do estado de São Paulo - Caderno do Professor: educação física, ensino médio – 3ª série, volume I** - São Paulo, 2014b.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 1-29, jul./dez. 1995.

SILVEIRA, Fernando de Almeida. Michel Foucault e a construção discursiva do corpo do sujeito moderno e sua relação com a psicologia. **Psicol. estud.**, Maringá, v.13, n.4, p.733-742, out./dez, 2008.

TEIXEIRA, Alessandra Luiza; ASSUNÇÃO, M. M. S. de. As relações de gênero no ensino fundamental: temas transversais e prática docente. **Revista Presença Pedagógica**, v.6, n.33, p. 19-27, maio/jun., 2000.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.38. n.2. p. 163-170, abr./jul. 2016.
<https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.006>